

SOBRE ARMINDO BIÃO

Thales Branche¹

Quando cheguei a Salvador eu tinha vinte e dois anos, um violão e uma recomendação de meu primeiro mestre da cena, Marton Maués. Num escrito que nunca vi, Marton me confiava (imagino) ao professor Bião, que no primeiro dia de aula me sorriu, entregou um “espelho”, e depois me abraçou.

Havia um ar-condicionado barulhento, cadeiras desconfortáveis e paredes encardidas na mal iluminada sala 10 que não existe mais. Isso poderia ter sido considerado num tempo-espaço outro que houvesse lugar para esse tipo de incômodo. Mas a presença de Bião era a de um sol e nós, todos meninos e cegos, não podíamos suportar sua fúria. Ele sabia disso, e cumprido pouco mais da metade do arco da primeira gira, Bião pediu que levantássemos, fechássemos os olhos e escutássemos os sons, e sentíssemos os cheiros. E eu escutei o passarinho que agora entrava pelo balancim e fazia um ninho sobre a minha cabeça. E descobri que gostava do cheiro da alfazema e esse é o cheiro da alegria na história de um carnaval de rua que Bião contou de sua infância e que eu nunca conheci.

Fazíamos silêncio e mergulhávamos no paradoxo. Apesar de nossa cegueira (que também é uma espécie de surdez), generoso, Bião nos contava histórias em que era ele o velho cego e, cada um de nós, o guia, imagine... E nos contava anedotas, pequenos causos, intimidades, delicadezas e absurdos. Cada novo dia uma sorte de “espelho” diferente. Perguntava quem era o nosso pai, fazia jogos de palavras e queria saber qual era o sabor da canção do lugar de onde viemos. Assim, quando a cegueira finalmente se dissipasse, nós já teríamos o “espelho”, ele sabia.

E ouvia as nossas histórias e tinha os pés alados, um caduceu, e falava muitas línguas enquanto nos conduzia ao submundo e nos revelava ao nosso próprio desejo. “Espelho”. Assim, eu reconheci meu mestre. E ofereci o que eu tinha: meus vinte e dois anos e um violão. Com os vinte e dois anos eu digitei por meses sua tese de doutorado e assim aprendi a ler o verbo encantado em francês. Com o violão eu o escutava e encontrava o seu tom e o acompanhava em algum canto para Padilha. Com os vinte dois anos eu o traí quando não tirei os sapatos para pisar na sua terra santa. Com o violão eu me despedi com essa oração:

Gira a gira em cruz
Gira mundo, gira o menino e o pai
Gira no ar, mundo
Gira guia, gira um cego andaluz
Oremos:
Gira pião²

Salvador, 01 de outubro de 2013

² Noto que “p” e “b” se emparelhadas no modo propício, contarão aos olhos a verdadeira história do “espelho”. Sobretudo porque sua proximidade e oposição tem mistério. Por outro lado, “p” e “b” são consoantes oclusivas bilabiais. Ou seja, se articulam na mesma região podendo causar malentendidos. Sobre este fato, com reverência, trago uma bela referência de Bião: “é óbvio que o universo continua se espalhando por aí, por todo lado, desde o início dos tempos... que as tecnologias da comunicação ampliam encruzilhadas e malentendidos... que todos nós vamos morrer... e que, por isso, é bom brincar, dançar, cantar, representar e tomar banho de rio e de mar!”

¹ Doutorando do PPGAC - UFBA.

